

EXCEDENTE DE VISÃO: UM OLHAR EXOTÓPICO ATRAVÉS DAS ARTES¹

Dinaura BATISTA da Silva (UFMT)²

Resumo: Neste trabalho, discorremos acerca das possibilidades heurísticas do conceito de Exotopia no processo de produção estética, especificamente a pintura e a música. Discutimos também o conceito de Dialogismo, elemento essencial dos construtos teóricos do Círculo de Bakhtin. Esses dois conceitos, interligados pela perspectiva dialógica, trabalham lado a lado na constituição do sujeito e da própria linguagem. Na Exotopia, o *outro* dá o acabamento necessário ao eu, por meio do seu excedente de visão, do seu lugar único, situado fora do *eu*. No Dialogismo, os discursos estão totalmente povoados de discursos anteriores, e são construídos na previsão de uma réplica, antecipando-a.

Palavras-chave: Exotopia. Dialogismo. Estética.

1. Excedente de visão: uma questão de ponto de vista

O termo exotopia refere-se, especificamente, à criação estética e de pesquisa, ao trabalho do artista ou pesquisador na elaboração de sua obra a partir de análise de um objeto específico.

Do ponto de vista do enunciado, exotopia refere-se ao sentido de se situar em um lugar exterior. Na pintura, refere-se ao olhar do retratado e o olhar do retratista ou artista; em ciências humanas, ao texto do pesquisado e o texto do pesquisador. Para esclarecer, Amorim (*in* Brait, 2006, p. 102), destaca:

A criação estética ou de pesquisa implica sempre um movimento duplo: o de tentar enxergar com os olhos do outro e o de retornar à sua exterioridade para fazer intervir seu próprio olhar: sua posição singular e única num dado contexto e os valores que ali afirma.

Trata-se então da diferença entre dois olhares, entre dois pontos de vista. Tal movimento também pode ser observado no trabalho de pesquisa (em ciências humanas) em que o pesquisador analisa o trabalho de outrem acerca de determinado assunto e tenta

¹ Este trabalho está inserido no projeto de pesquisa “Relendo Bakhtin: contribuições do Círculo de Bakhtin para uma análise dialógica de discursos produzidos em diferentes esferas da atividade humana”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa RELENDENDO BAKHTIN (REBAK), do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem – MeEL, da Universidade Federal de Mato Grosso.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem na Universidade Federal de Mato Grosso – Campus de Cuiabá/MT – Brasil – e-mail: dinaurabatista@gmail.com

perceber o olhar de seu pesquisado sobre aquele objeto pesquisado, voltando ao seu “lugar exterior” para elaborar o seu texto (criação estética) sobre o que ele conseguiu captar em sua pesquisa. Nesse momento, a fim de sintetizar o que vê, o pesquisador utiliza-se de seus valores, suas perspectivas, suas impressões, sua formação, para discorrer acerca do que viu.

Estamos falando aqui sobre o “excedente de visão” de que trata Amorin (*in* Brait, 2006, p. 96) quando afirma que “não posso me ver como totalidade, não posso ter uma visão completa de mim mesmo, e somente um outro pode construir o todo que me define.”

Esse é o movimento que estamos tentando fazer aqui, tentando entender como Bakhtin elabora esse conceito, tentando enxergar o que o autor enxergou, sem deixar que o nosso olhar se misture ao olhar do pesquisado, a fim de produzir uma pesquisa autônoma.

2. O olhar de Portinari

Para exemplificar melhor o termo exotopia, passaremos à breve análise da obra *Retirantes* do renomado pintor brasileiro Cândido Portinari.



CANDIDO PORTINARI, *Retirantes* (Retirantes), 1944
Óleo s/ tela 190 x 180 cm.
Col. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand São Paulo, Brasil

A obra representa o povo nordestino, mostrando a necessidade de abandonar sua terra natal em busca de uma vida melhor em outra parte do país - hoje, como se sabe, o sudeste e

centro-oeste. Para mostrar o sofrimento desses nordestinos, Portinari tenta dramatizar ao máximo esta obra, revelando, por meio das cores e formas, o drama e a tristeza daquele povo.

A fim de mostrar o que essas pessoas (objeto) veem e como encaram sua realidade (seca, pobreza, fome, morte), o autor retrata personagens muito magros, até raquíticos, descalços, sujos, roupas rasgadas, com aparência horrível, deformados, sem pele, doentes, chorosos. Os adultos dão a impressão de terem passado por uma vida muito sofrida no sertão nordestino, e o seu olhar revela uma total falta de perspectiva.

As cores fortes, sombrias, revelam a ausência de esperança por dias melhores (chuva). O céu é mostrado em cinza escuro, mas não tem nuvens, é seco e sem luz, como a terra – sem chuva, sem plantação, sem comida, sem vida, sem futuro. Aos pés da criança morta há uma ave bem nutrida - ao contrário das pessoas retratadas -, provavelmente um urubu, também em busca de seu alimento: os próprios retirantes.

Para concretizar sua obra de arte, Portinari precisa se colocar no lugar desse povo tão sofrido, tão miserável, a fim de exprimir todo esse sofrimento em tela, por meio de sua arte (criação estética). No momento da criação, ele precisa lançar mão de seus valores, suas crenças, suas vivências, precisa tomar uma posição diante dessas mazelas da vida, para retratar tudo o que representa tal situação. Isso quer dizer, utiliza do seu excedente de visão, possível apenas pela sua posição exterior, que é única, à realidade a ser retratada, na busca por leituras e produções futuras em relação à sua obra, como a que nos atrevemos a produzir nesta feita.

3. O Olhar de João Nogueira

Agora, para finalizar nossa pequena investigação, vejamos a música de João Nogueira, intitulada “Além do Espelho”.

Além do Espelho

João Nogueira

Quando eu olho o meu olho além do espelho

Tem alguém que me olha e não sou eu

Vive dentro do meu olho vermelho

É o olhar de meu pai que já morreu

O meu olho parece um aparelho

De quem sempre me olhou e protegeu

Assim como meu olho dá conselho

Quando eu olho no olhar de um filho meu

*A vida é mesmo uma missão
A morte uma ilusão
Só sabe quem viveu
Pois quando o espelho é bom
Ninguém jamais morreu*

*Sempre que um filho meu me dá um beijo
Sei que o amor de meu pai não se perdeu
Só de ver seu olhar sei seu desejo
Assim como meu pai sabia o meu
Mas meu pai foi-se embora no cortejo
E eu no espelho chorei porque doeu
Só que olhando meu filho agora eu vejo
Ele é o espelho do espelho que sou eu*

A vida é mesmo uma missão...

*Toda imagem no espelho refletida
Tem mil faces que o tempo ali prendeu
Todos têm qualquer coisa repetida
Um pedaço de quem nos concebeu
A missão de meu pai já foi cumprida
Vou cumprir a missão que Deus me deu
Se meu pai foi o espelho em minha vida
Quero ser pro meu filho espelho seu*

A vida é sempre uma missão...

E o meu medo maior é o espelho se quebrar

Para introduzir a música (youtube.com.br – acesso em 26/02/2013), João Nogueira afirma que é mais fácil compreender a morte do que compreender a vida. Porém, por meio da letra da canção, ele faz, na visão dialógica à qual submetemos nossas leituras, uma completa análise da vida e da subjetividade.

É notório, na obra de Bakhtin e seu Círculo, a ideia de que o sujeito se constitui no espaço e no tempo, por meio das interações sociais que estabelece. João Nogueira quer falar, especificamente, sobre a relação pai e filho nessa constituição recíproca.

Na primeira estrofe, o autor revela a existência de um *outro discursivo* que fala através do *eu*. O sujeito, quando se olha no espelho, percebe marcas identitárias deixadas por seu pai; que são notadas, sobretudo, no seu relacionamento com seu filho. Em consonância, para Bakhtin, “quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo - estou possuído pelo outro” (BAKHTIN, 1943, apud BRAIT, 2008, p. 43).

Para João Nogueira “a vida é mesmo uma missão”, uma vez que, por nosso excedente de visão em relação ao outro, temos responsabilidade na constituição desses outros sujeitos com os quais interagimos nas diversas esferas em que convivemos, ao que Bakhtin chama de responsabilidade.

Nesse viés, “a morte é uma ilusão”, se considerarmos que, nesse processo de formação dos sujeitos, todos possuem características, heranças, deixadas por outros que já morreram, pois o processo de formação do sujeito é dinâmico e ininterrupto e, logo, “toda imagem no espelho refletida tem mil faces que o tempo ali prendeu”.

4. Uma possível conclusão

Podemos constatar, a partir do conceito de exotopia, que o excedente de visão refere-se à interação social ativa e responsiva participante da constituição do eu por meio do olhar do outro, pois, segundo Bakhtin:

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (2011, p. 23)

Esse movimento, caracterizado por Bakhtin como exotopia, refere-se ao processo inerente à criação estética e à pesquisa científica em ciências humanas. É pertinente que o pesquisador se coloque no lugar do outro para a apreensão de sentidos, que só será possível a partir de sua própria visão, uma vez que esse sujeito pesquisador possui uma visão que é única. Após, deve retornar à sua posição para acrescer a essa visão a sua própria experiência ao que vê. Trata-se então, de trocas recíprocas. O eu dá acabamento à visão do outro, e vice-versa.

Isso implica dizer que produzimos novos sentidos a partir de nossa visão de mundo, por meio da imersão no espaço do outro, no campo de visão do outro, uma vez que nos constituímos por meio dele. Logo, temos no movimento exotópico atividade essencial para a produção estética, devido a essas articulações de aproximação e distanciamento entre os olhares de pesquisador e pesquisado. O excedente de visão se funda nessa diferença, considerando, no acabamento, as concepções teóricas de cada um. Sendo assim, a exotopia é

inerente ao processo de compreensão e, por conseguinte, condição fundamental para a produção do conhecimento.

Referências bibliográficas

AMORIM, Marília. *Cronotopo e exotopia*. In: B. Brait (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. 3. ed. São Paulo: Unesp, 1993.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. (VOLOSHINOV, V.N). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

MARCHEZAN, Renata Coelho. *Diálogo*. In: B. Brait (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. - São Paulo: Ática, 2006.